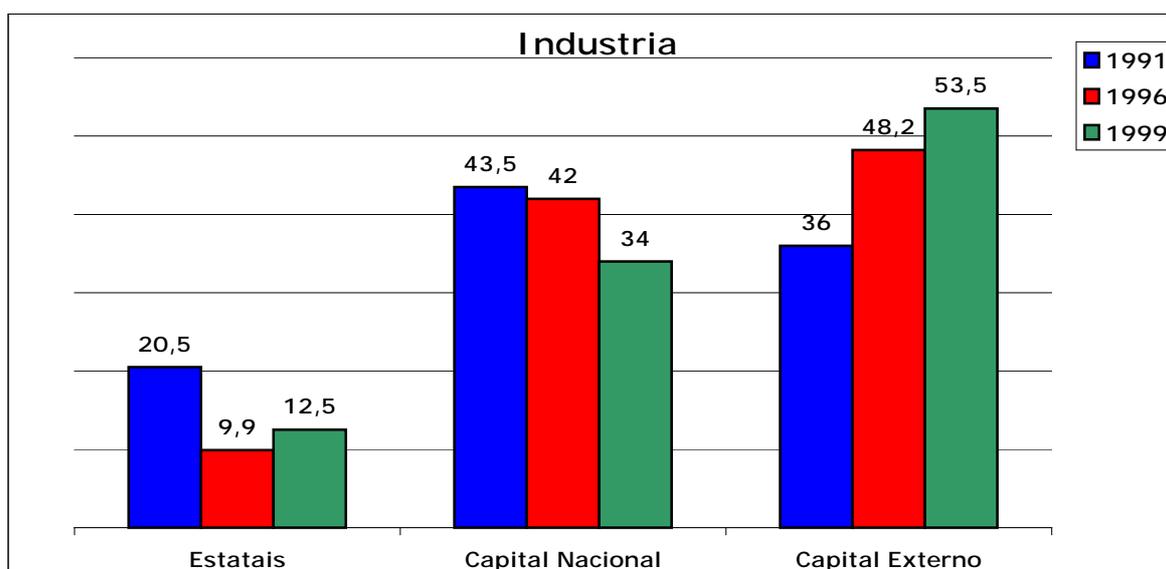


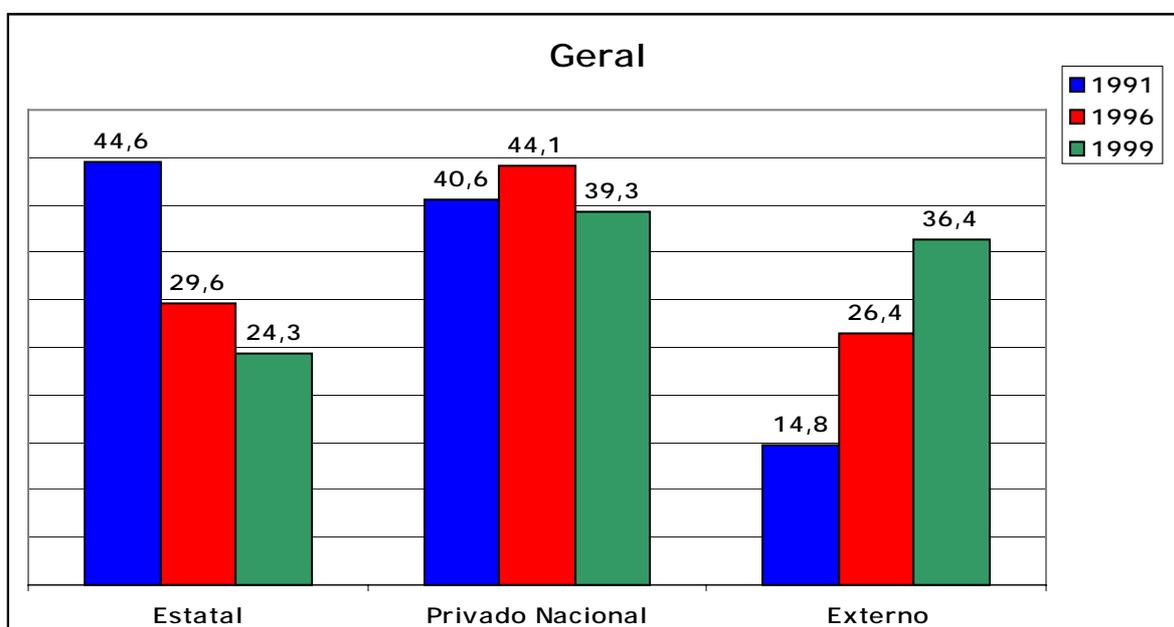
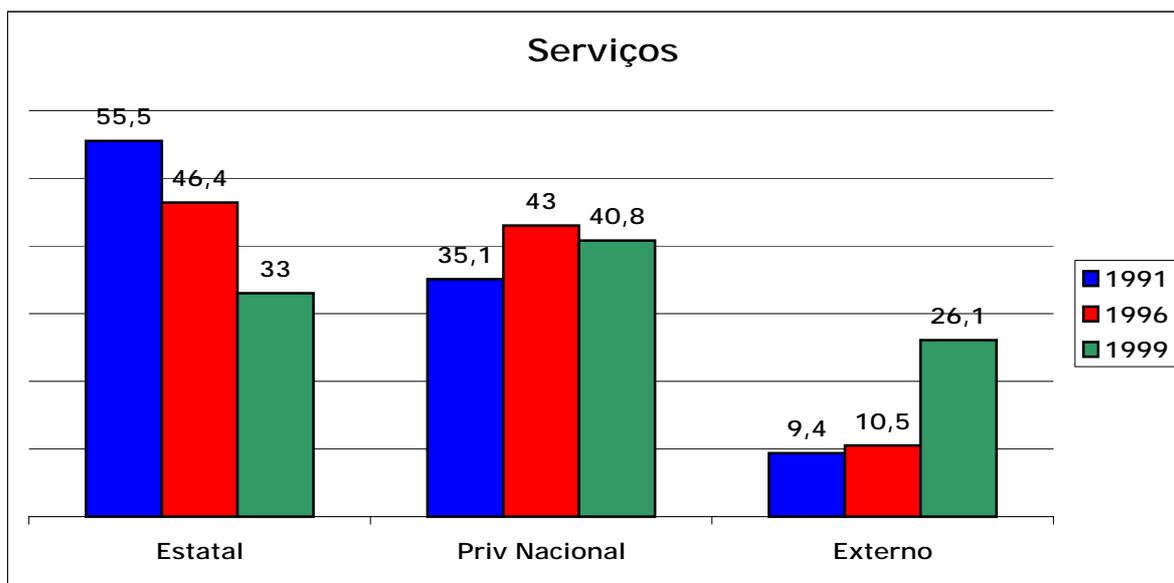
Dados sobre os Investimentos Externo no Brasil na década de 90



* *Projeção*

Participação do capital sobre a receita total das empresas – em %





Múltinacionais crescem 146% na década liberal

A desnacionalização da indústria brasileira deu um salto na década de 90. O capital estrangeiro, que correspondia a 36% do faturamento dos 350 maiores grupos do país em 91, passou para 53,5% no final de 99. A participação estrangeira no faturamento das maiores empresas do país subiu 146% entre 91 e 99.

O investimento estrangeiro contribuiu para tornar mais eficientes as empresas brasileiras, mas não ajudou o país a expandir o seu mercado interno e a aumentar sua participação no externo.

É o que mostra levantamento do Instituto de Economia da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) sobre o perfil das empresas líderes no Brasil. Segundo o estudo, o capital externo cresceu mais no setor de serviços. O investimento estrangeiro mais substituiu o nacional do que expandiu a capacidade produtiva do país, colaborou para aumentar o déficit externo e não contribuiu para tornar o país um grande exportador de manufaturados.

Levantamento feito pelo Núcleo de Economia da Unicamp mostra que os estrangeiros não têm ajudado a balança comercial brasileira. A participação das empresas estrangeiras nas exportações dos 500 maiores grupos do país caiu de 53,2% em 97 para 47,6% em 2000. No caso das importações, o salto foi de 63,1% para 64,9%.

O trabalho da UFRJ nota também que, na desnacionalização, o perfil da indústria brasileira não se alterou. Em 96, o faturamento da indústria básica representava 25,4% da receita total dos 350 maiores grupos do país. Em 99, 26,8%. Na indústria difusora de tecnologia os percentuais foram de 19,1% e 18%, respectivamente.

A desnacionalização da indústria brasileira foi rápida e muito intensa, na visão dos empresários que se reúnem no IEDI (Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial). "O ideal é a vinda do capital estrangeiro com crescimento do nacional", afirma Júlio Sérgio Gomes de Almeida, diretor-executivo do instituto.

A entrada do capital estrangeiro tem duas fases ao longo da década de 90. De 91 a 96, o dinheiro veio atraído pelas privatizações. Foi o período da transferência de empresas estatais para privadas. A partir de 96, o dinheiro de fora vem para aquisições e fusões.

"A entrada das multinacionais no país mostrou que as empresas brasileiras não eram competitivas. E, com isso, as nacionais acabaram se tornando alvos mais fáceis de aquisições", diz Kupfer.

Do setor de serviços, o financeiro (leia-se bancos) foi o que registrou o maior avanço do capital estrangeiro -de 8% em 91 para 21,3% em 99. Depois vêm os serviços de infra-estrutura -crescimento de 16,9% para 32,2%-, e outros serviços, como transporte, comunicação social e comércio, de 7,8% para 27,1%.

BNDES financia multinacionais

Ao longo do atual programa de privatizações, iniciado em 1991, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), gestor das privatizações federais e assessor das estaduais, concedeu financiamentos no valor de R\$ 2,462 bilhões a grupos estrangeiros para a compra do controle, ou de parte do controle, de quatro empresas.

O valor corresponde a 38,05% dos R\$ 6,469 bilhões que o banco federal emprestou para os compradores de 18 empresas, de um total de 139 privatizações feitas até agora. Desde 1991 as privatizações feitas no país renderam o equivalente a US\$ 103,4 bilhões. O BNDES é praticamente a única fonte de financiamentos de longo prazo do país. O banco informou que tem por política não financiar a compra de ativos, mas admite fazê-lo para estimular processos de reestruturação empresarial que considere importantes, incluindo as privatizações.

Todos os financiamentos dados para companhias de capital estrangeiro nas privatizações foram para a compra de empresas estaduais do setor de energia elétrica. O maior deles, no valor de R\$ 1,013 bilhão, foi para a Light, controlada por capitais da França e dos Estados Unidos, adquirir o controle da Eletropaulo Metropolitana, de São Paulo, em 1998.

Segundo o banco, todos os financiamentos aos estrangeiros foram feitos com recursos captados no exterior -a principal fonte do BNDES é o FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador).

O banco informou ainda que, no geral, os financiamentos estão sendo remunerados a cerca de 14% ao ano, mais a variação cambial de uma cesta de moedas estrangeiras.

Os técnicos do BNDES afirmam que esse custo do dinheiro é bem maior do que os financiamentos às empresas nacionais, normalmente remunerados com base na TJLP (taxa de juros de longo prazo), que está atualmente em 10% ao ano.

Estrangeiro investiu em serviços

O setor de serviços foi o que registrou o maior avanço do capital externo ao longo da década de 90. A participação dos estrangeiros no faturamento dos maiores grupos do país, que era de 9,4% em 91, saltou para 26,1% em 99, segundo levantamento do Instituto de Economia da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Nesse setor, o destaque é para os serviços financeiros (bancos). A fatia do capital externo cresceu de 8% para 21,3% entre 91 e 99, especialmente com a entrada no país dos bancos HSBC, Santander, ABN Amro e BBV.

O próprio governo incentivou a entrada do capital estrangeiro no setor. A expectativa era que as instituições financeiras do exterior trariam para o país maior concorrência, que resultaria em juros menores, o que não aconteceu.

Pelo levantamento da UFRJ, a participação do capital estrangeiro nos serviços de infra-estrutura (energia elétrica, telecomunicações e distribuição de derivados de petróleo) subiu de 16,9% em 91 para 32,2% em 99. Nos chamados outros serviços (comércio, transportes e comunicação social), a expansão foi de 7,8% para 27,1% no período. (FSP, 10/02/2002)